
As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém

ANA MARGARIDA ARRUDA¹
CATARINA VIEGAS²

R E S U M O As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” recolhidas durante as escavações da Alcáçova de Santarém são pouco numerosas e apresentam uma limitada variedade tipológica. Neste trabalho, apresentam-se as suas características físicas e formais, bem como o seu contexto estratigráfico de recolha. A integração dos exemplares de Santarém nas tipologias conhecidas e os dados cronológicos obtidos em outros sítios do império romano permitiram a análise e discussão acerca do significado da sua presença no sítio do vale do Tejo.

A B S T R A C T The Pompeian red slip ware collected during the excavations of the Alcáçova of Santarém are few in number and limited in their typological variability. In this work, we present their physical and formal characteristics, as well as their stratigraphic context. The integration of the examples from Santarém with the known typologies and the chronological data obtained from other sites of the Roman Empire permit an analysis and discussion of the significance of their presence in a site in the Tejo valley.

1. Introdução

A decisão de divulgar, parcelarmente, os dados recolhidos nas escavações da Alcáçova de Santarém resultou num já significativo número de títulos publicados que incidiram, ou sobre conjuntos de materiais concretos (Almeida e Arruda, no prelo; Antunes, 2000; Arruda e Almeida, 1998, 1999, no prelo; Viegas, 2001; Viegas e Arruda, 1999, no prelo a); ou sobre aspectos de natureza diversa, que incluem, por exemplo, sínteses sobre a ocupação da Idade do Ferro (Arruda, 1993, no prelo a, no prelo b) e a apresentação do templo romano (Arruda e Viegas, 1999, 2000, no prelo b).

O presente artigo insere-se no contexto dessa decisão e aqui apresentamos as cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” encontradas durante as 12 campanhas de trabalhos arqueológicos que ocorreram no sítio.

Naturalmente que a publicação de um trabalho final, que reúna a totalidade dos elementos recuperados, continua a nortear o trabalho que se desenvolve agora sobretudo no gabinete. Essa monografia, que esperamos concluir em 2003, reunirá não só os resultados já publicados como ainda todos os que se mantêm inéditos. Com ela esperamos contribuir para o conhecimento de um dos mais importantes sítios arqueológicos portugueses, não só pelo papel que assumiu no decorrer da longa diacronia da sua ocupação, como pela particularidades e especificidades de que ela se reveste.

Neste contexto, julgamos desnecessário voltar a descrever as características do sítio arqueológico (localização geográfica, enquadramento administrativo, tipo de implantação), já pormenorizadamente analisadas em vários outros estudos (Arruda e Viegas, 1999, 2000, no prelo b).

As mesmas razões tornariam redundante uma nova descrição dos trabalhos arqueológicos, concretamente no que diz respeito à metodologia utilizada, à sua localização, à sua sequência, e mesmo quanto aos resultados obtidos e à diacronia verificada.

2. As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” de Santarém

2.1. As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano”: questões gerais

No conjunto das cerâmicas comuns romanas, as de “engobe vermelho pompeiano” foram individualizadas há já vários anos, tendo os aspectos concretos da sua funcionalidade, tecnologia, origem, difusão, cronologia e tipologia sido alvo de diversos estudos no decorrer do século XX (Ritterling, 1901; Kruger, 1905; Loeschcke, 1909; Lamboglia, 1950, *apud* Aguarod, 1991; Goudineau, 1970; Peacock, 1977). Num trabalho publicado no início da última década do século passado, e que incide sobre as cerâmicas comuns romanas exportadas para a Tarraconense (Aguarod, 1991, p. 51-96), foi já feita uma síntese sobre a “história” desta cerâmica, parecendo, por isso mesmo, desnecessário voltarmos a mencionar aspectos já devidamente esclarecidos. Restamos, pois, e para além de remeter para o citado trabalho (Aguarod, 1991, p. 51-96), dizer que a cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” integra apenas formas baixas, pratos geralmente de amplo diâmetro, que possuem a superfície interna coberta por um espesso engobe de cor vermelha. As superfícies externas são apenas alisadas, podendo, no entanto, este engobe cobrir ainda a superfície externa do bordo.

Trata-se de uma categoria cerâmica destinada à utilização na cozinha, estando a função culinária atestada pelo enegrecimento das superfícies externas. Não devem, no entanto, excluir-se, liminarmente, outras funcionalidades, que podem incluir diversas fases da preparação de alimentos. De facto, e apesar dos vestígios de fogo sempre maioritários, há casos em que eles não são observados, o que indicia que não é obrigatório que a totalidade dos pratos de “engobe vermelho pompeiano” tenha ido ao lume, podendo mesmo admitir-se que alguns deles possam ter sido usados no serviço de mesa, destinando-se aqui a conter ou a servir alimentos sólidos.

A produção destas cerâmicas ocorreu em Itália, tanto na Etrúria como na Campânia, apesar de se saber que vários pontos do Império puderam fabricar pratos com morfologias e tecnologias claramente inspiradas nos modelos italianos. São as chamadas “imitações”, que estão documentadas em França, em Inglaterra, na Flandres, na Renânia, e em Espanha. A produção local de pratos largos e pouco profundos com a superfície interna coberta por um engobe vermelho, também se verificou em Portugal, havendo exemplos em Braga (Delgado, 1993), em Coimbra (Carvalho, 1998), em Conímbriga (Alarcão, 1975) e na Cidade das Rosas, Serpa (Caeiro, 1978).

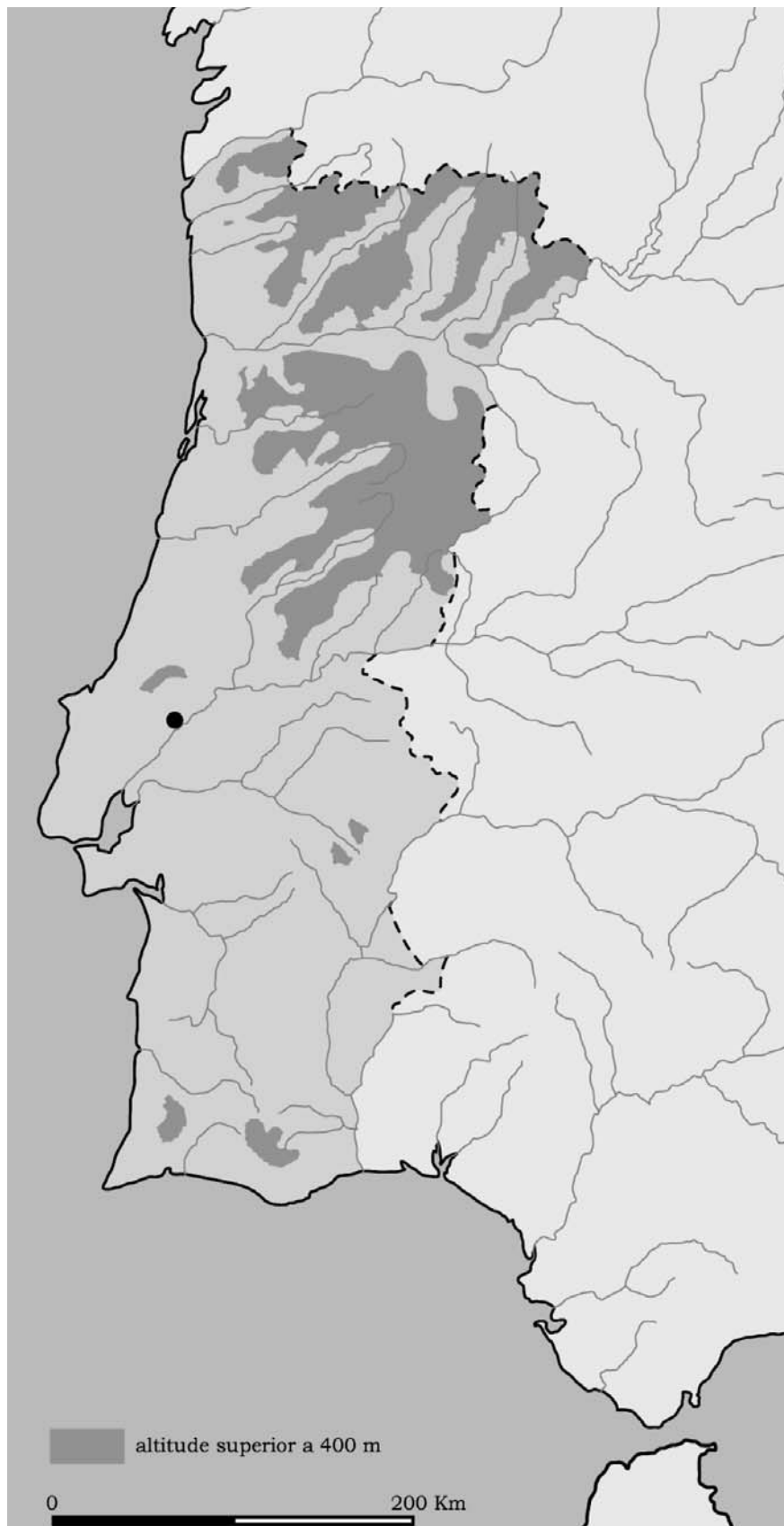


Fig. 1 Localização de Santarém no território actualmente português. (base cartográfica de Victor S. Gonçalves, 1999)

Não queremos deixar de mencionar agora que, na Britânia, dos sete distintos tipos de pastas identificados por Peacock (1977), apenas um tem uma origem itálica. Trata-se do denominado “fabrigo 1”, cujo alto teor de areias vulcânicas indica uma origem campana, concretamente da área de Pompeia e Herculano. Dos restantes, um tem, muito provavelmente, origem em Lezoux, outro na Bélgica, sendo os outros produtos locais. Estes dados permitem perceber que algumas das produções provinciais tiveram uma difusão para além das fronteiras da região onde foram produzidas, e não se destinavam apenas a abastecer os mercados locais ou regionais, como é seguramente o caso dos centros oleiros do Sul da Gália.

O que se sabe é que as cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” fabricadas em Itália tiveram uma considerável difusão, encontrando-se produtos dos seus centros produtores desde Inglaterra até Chipre, passando pelas actuais França, Suíça, Bélgica, Alemanha, Grécia, Portugal e Espanha (Aguarod, 1991, p. 55-57).

Parece, também, inquestionável a antiguidade das produções da Etrúria em relação às da Campânia. Com efeito, as cerâmicas com pastas de matriz granítica, associadas aos produtos etruscos, aparecem, preferencialmente, em contextos datados entre o final do século III e o segundo quartel do século II a.C., desaparecendo nos finais da república. As cerâmicas da região campana terão substituído as da Etrúria ainda no século I a.C., dominando nos inventários a partir da época augustana (Aguarod, 1991, p. 58). A produção da cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” termina no último quartel do século I d.C.

O facto de se tratar de uma cerâmica comum talvez possa explicar o motivo de estas produções não terem originado análises tipológicas assimiláveis às que se realizaram para as cerâmicas finas, apesar de parecer inquestionável a standardização das suas formas. Continuam, por isso mesmo, a utilizar-se, maioritariamente, as nomenclaturas atribuídas por Loeschcke aos materiais de Haltern e Oberaden, que as numerou entre a totalidade da cerâmica romana encontrada nestes dois sítios. As escavações de Bolsena possibilitaram um bom enquadramento cron-estratigráfico para estas cerâmicas (Goudineau, 1970). Contudo, o quadro tipológico que daí resultou torna-se algo confuso o que talvez justifique o pouco êxito obtido pelas designações atribuídas pelo investigador francês. No estudo da cerâmica comum romana realizado por Mercedes Vegas (1973), a cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” foi também incluída (corresponde à forma 15), englobando-se numa ampla categoria que envolve os grandes pratos de utilização na cozinha e na mesa.

Tabela de concordância das formas dos pratos de “engobe vermelho pompeiano” existentes na Alcáçova de Santarém				
<i>Loeschcke, 1909</i>	<i>Loeschcke, 1942</i>	<i>Manassa, 1973</i>	<i>Vegas, 1973</i>	<i>Aguarod, 1991</i>
Haltern 75 A	Oberaden 21 a- b	Luni 5	Vegas 15 c	Forma 6
Haltern 75 B	Oberaden 22	Luni 2/4	Vegas 15 b	Forma 4
–	–	Luni 1	–	Forma 3

Na última década do século XX, alguns trabalhos monográficos e outros de âmbito mais geral, e que têm incidido sobre a cerâmica comum local/regional e importada, debruçam-se, com detalhe variável, sobre as cerâmicas agora objecto de análise. Do trabalho sobre a Tarraconense resultou uma nova tipologia (Aguarod, 1991, p. 51-96), que engloba a totalidade das formas produzidas, apresentando para cada uma delas cronologias e origens. Discute também, pormenorizadamente, a difusão de cada tipo. O tratamento, de forma sistemática e detalhada, destas produções traduziu-se na apresentação de uma proposta que parece de seguir.

2.2. As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” de Santarém: caracterização, morfologia e fabrico

As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” que agora se dão à estampa são pouco numerosas, se atendermos à área já escavada na Alcáçova de Santarém (Fig. 2). Trata-se de um conjunto que totaliza oitenta e nove fragmentos (setenta e duas peças), o que não é comparável, por exemplo, com o número de peças de campaniense, ou de *terra sigillata*. Estes valores devem contudo ser discutidos e avaliados, tendo presente que as cerâmicas importadas que agora se publicam se englobam na categoria de cerâmica comum, o que manifestamente não é o caso das que anteriormente se chamaram à colação e que representam tipos de cerâmica fina de mesa. O conjunto da cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” de Santarém pode, por isso mesmo, considerar-se significativo, devendo ainda chamar-se a atenção para a sua raridade em outros contextos de época romana.

O conjunto é muito homogéneo quanto ao fabrico, tendo-se observado que a totalidade dos fragmentos apresenta pastas semelhantes do ponto de vista da textura, da consistência, da dureza, da cor e, ainda, dos elementos que a constituem. Trata-se de pastas de cor castanho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8 - 2.5YR 4/8), duras, mas porosas, onde o material vulcânico é abundante. De facto, são numerosas as partículas negras, sendo ainda visíveis raras micas prateadas e algumas calcites. Estas pastas correspondem ao que Peacock designou como fabrico 1 (1977) e que na Catalunha é descrito como “pasta 2” (Aguarod, 1991, p. 52), parecendo inquestionável que a sua origem pode situar-se na Campânia, talvez na área de Pompeia e Herculano. Foram as pastas com estas características que considerámos como típicas no Quadro descritivo que classifica exaustivamente as peças de Santarém.

Ainda no que se refere às características físicas dos exemplares de Santarém, devemos acrescentar que, tal como é habitual nestas produções, o engobe cobre apenas a superfície interna e raras vezes a superfície externa do bordo. O engobe, de cor vermelha (Munsell 10R 4/8 - 10R 4/6), é espesso, quase sempre muito aderente e de brilho mate. Estas características de engobe são as consideradas típicas (ver Quadro descritivo), no entanto, em alguns casos, o engobe destaca-se do corpo da pasta, em outros encontra-se a estalar. O polimento deste engobe foi efectuado ao torno, sendo visíveis os sinais do instrumento com que foi obtido. Este polimento produziu, por vezes, um brilho acetinado. Em algumas das peças o engobe é mate ou mesmo baço. Os fundos internos apresentam as típicas séries de ranhuras concêntricas cujo número é variável, mesmo no interior dos mesmo tipos.

As paredes externas são apenas alisadas, sendo de referir que, e ao contrário do que acontece maioritariamente nos outros centros de consumo, é relativamente rara a evidência da utilização destes artefactos na cozinha (ocorre em catorze peças). De facto, e apesar de alguns fragmentos apresentarem a superfície externa enegrecida pela acção do fogo, a grande maioria não evidencia estes sinais.

Quadro síntese do conjunto de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém: número de fragmentos (N.º de frags.) e número mínimo de indivíduos (NMI).

<i>Forma</i>	<i>N.º de frag</i>	<i>%</i>	<i>NMI</i>	<i>%</i>
Forma 3 de Aguarod	4	4,5	4	5,6
Forma 4 de Aguarod	8	9,0	6	8,3
Forma 6 de Aguarod	21	23,6	12	16,7
Indeterminados	56	62,9	50	69,4
Total	89	100	72	100



Fig. 2 Planta do Planalto da Alcáçova de Santarém com a área escavada (segundo Arruda, 2000, p. 6-72, modificado).

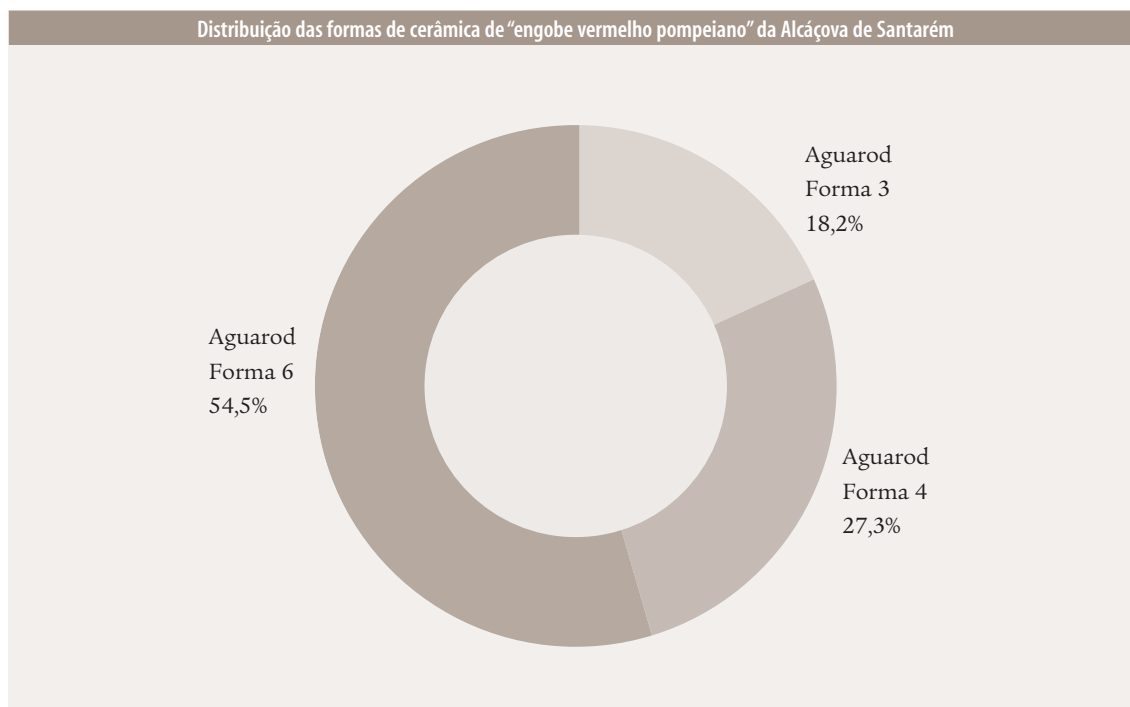
Como normalmente sucede, o grupo mais numeroso corresponde a um conjunto de fragmentos de peças cuja forma é impossível determinar e que soma cinquenta peças (69,4%).

Ainda do ponto de vista morfológico, verifica-se um claro predomínio da forma 6 de Aguarod (1991, p. 59), que corresponde ao tipo 21a de Oberaden. Trata-se sempre de grandes pratos, de amplos diâmetros, que, no entanto, apresentam alguma diversidade de dimensões, concretamente ao nível da espessura das paredes e dos próprios diâmetros. A ligação da parede externa ao fundo pode fazer-se através de um ressalto, ou de uma acentuada concavidade no fundo externo. Este pode ser plano, côncavo, ou plano-côncavo.

Na forma 4 de Aguarod (22 de Oberaden) (Fig. 3, n.º 9692), o bordo é mais ou menos desenvolvido, aplanado, de perfil triangular. Pode ser oblíquo (Fig. 3, n.º 8066) ou horizontal (Fig. 3, n.º 24890 e n.º 13243), correspondendo, respectivamente, às variantes a e b de Aguarod (1991, p. 67). Porém, em ambas as variantes as paredes são suavemente convexas e curtas, o que parece indicar que se trata de exemplares relativamente tardios. Totaliza seis exemplares, o que corresponde apenas a 8,3% do conjunto desta cerâmica.

A forma 6 de Aguarod (Luni 5/Oberaden 21 a) (Fig. 4, n.ºs 13313, 24883, 12052, 12917, 28000 e 24881) apresenta bordo vertical, arredondado e sem espessamento. São doze as peças que integráveis neste tipo, o que corresponde a 16,7% do total. Como já referimos, é a forma mais numerosa em Santarém.

Quatro fragmentos de bordo podem incluir-se na forma 3 de Aguarod (tipo 15A de Vegas (1973). São espessados exteriormente, apresentado um perfil amendoado (Fig. 3, n.ºs 28091 e 6578).



As formas presentes em Santarém são também relativamente abundantes em todo o Ocidente, sendo de referir, no entanto, que a última é consideravelmente mais rara. Estando bem representada na costa ocidental italiana e no vale do Ebro, atinge, contudo, o baixo Guadalquivir e mesmo o Norte de África, se bem que com números pouco significativos (Aguarod, 1991,

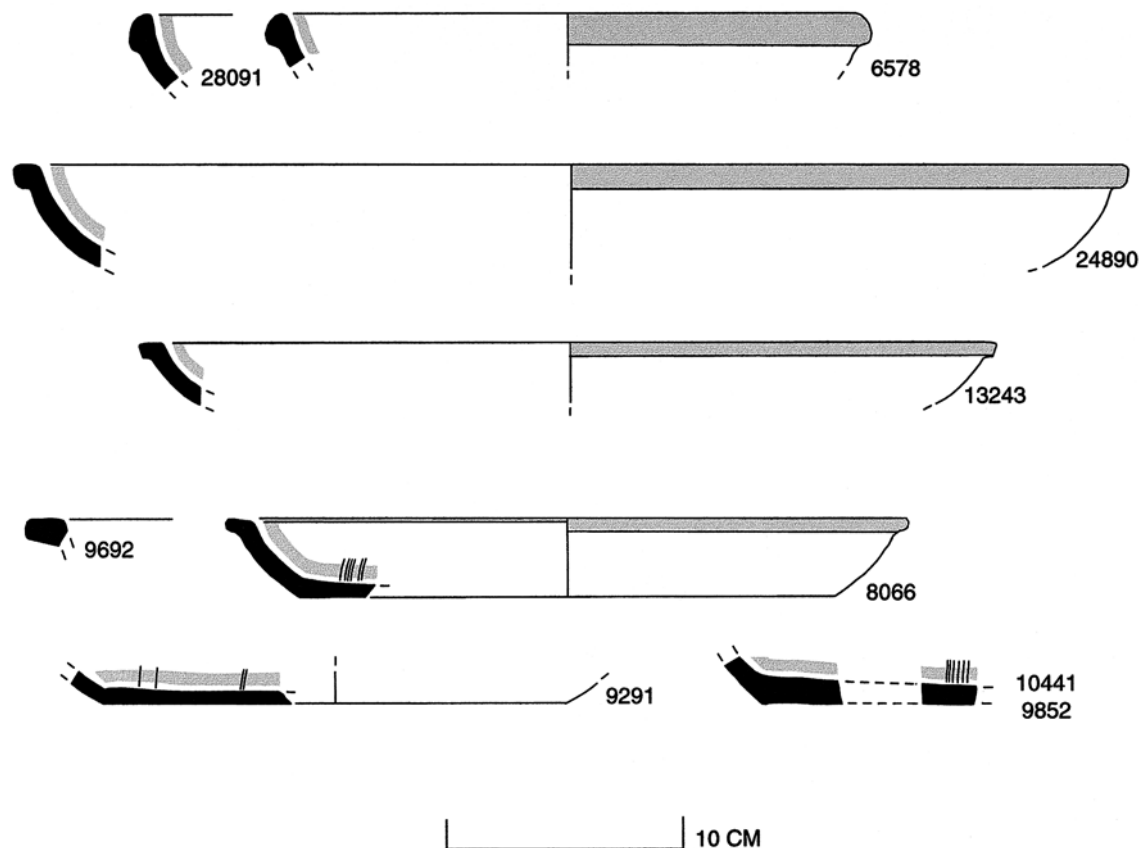


Fig. 3 Forma 3 de Aguarod (28091 e 6578); forma 4 de Aguarod (24890, 13243, 9692 e 8066); fundos de forma indeterminada (9291 e 10441/9852).

p. 64-65, Mapa 7). Esta distribuição pode, em parte, justificar-se pelo facto da Forma 3 de Aguarod ter sido um produto típico das oficinas da Etrúria meridional, podendo, pois, neste caso, datar-se de uma época relativamente antiga. Com efeito, tanto em Itália como no vale do Ebro, ou em Ampúrias, este prato surge, sobretudo, com pastas etruscas. Contudo, esta forma foi também fabricada nos *ateliers* campanos, estando em uso até ao reinado de Tibério. Como já referimos, o exemplar de Santarém tem origem na Campânia, podendo admitir-se que o mesmo se passa com os de Sevilha e Thamusida, o que permite que se lhes atribua cronologias situadas entre a segunda metade do século I a.C. e os inícios do século I d.C.

A forma 4 de Aguarod, ainda com uma distribuição preferencial nas áreas meridionais, está já presente nos acampamentos do *limes* germânico. É ainda muito rara nas Gálias, estando ausente da Britânia (Aguarod, 1991, Mapa 9). Tendo sido produzida nos centros etruscos, atinge grande êxito nas produções da Campânia. Foi fabricada entre os finais do século II a.C. e o reinados de Tibério e Cláudio. A sua difusão para o exterior da Península Itálica parece ter ocorrido apenas a partir do século I a.C. Os dados da Tarraconense mediterrânea (Aguarod, 1991, p. 70) concorrem no sentido de poder defender-se que as importações deste tipo se iniciam, aqui, no segundo quartel deste século, enquanto que no *limes* germânico o seu começo poderá localizar-se já no reinado de Augusto (Loeschcke, 1942). Na Península Ibérica e na Gália do Sul, bem como, aliás, em Itália, as importações estão documentadas até ao final da produção da Campânia.

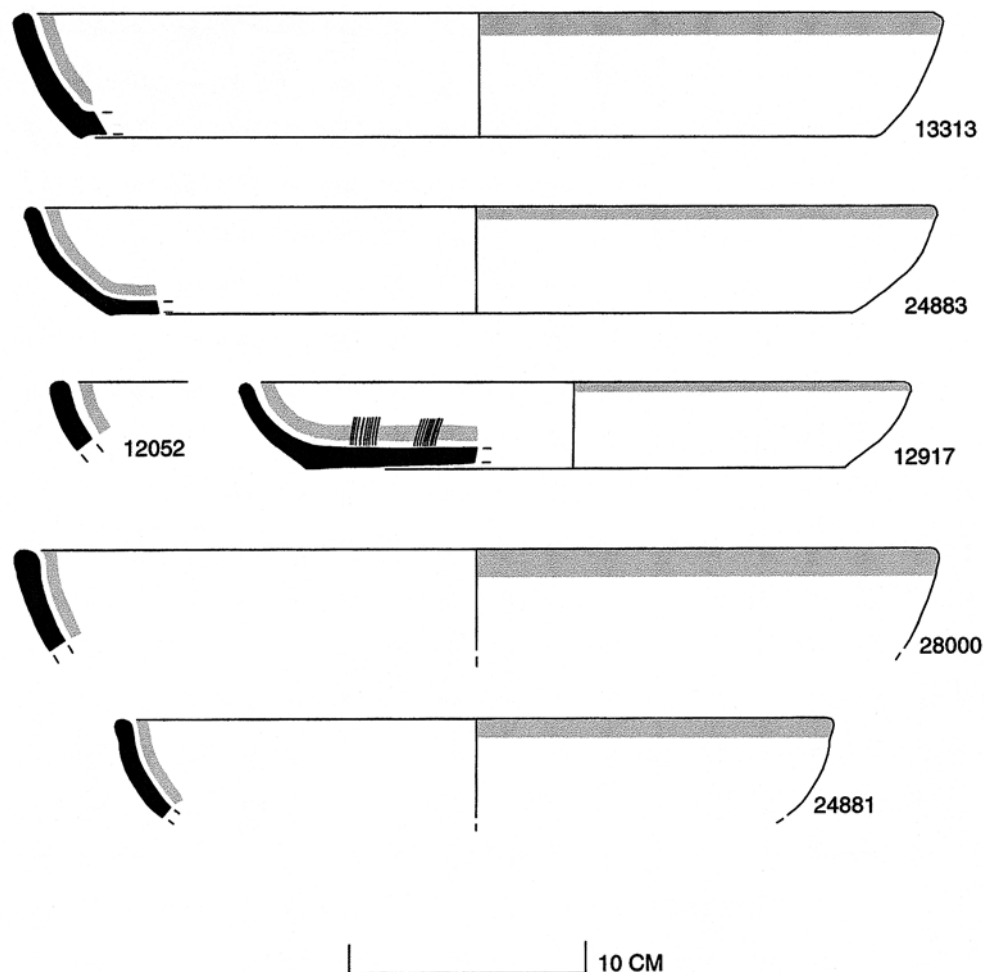


Fig. 4 Forma 6 de Aguarod.

A forma 6 de Aguarod, cuja produção se iniciou no momento mais tardio, é um produto exclusivamente campano. Teve um considerável êxito, estando difundida por uma vasta região que já incluiu a Britânia. A expansão territorial da forma deve-se, não só ao seu sucesso comercial, mas também e certamente à cronologia do início do seu fabrico.

2.3. O contexto arqueológico das cerâmicas de "engobe vermelho pompeiano" da Alcáçova de Santarém

Como já, por diversas vezes, chamámos a atenção, a complexidade estratigráfica da Alcáçova de Santarém nem sempre permite a recolha do espólio no seu contexto de origem. O facto de se tratar de um sítio de ampla diacronia implicou a destruição dos níveis arqueológicos mais profundos, não podendo deixar de se mencionar que à construção de numerosos silos durante a época islâmica pode ser assacada grande parte da responsabilidade pela má conservação das camadas correspondentes às ocupações anteriores. No entanto, e tal como tivemos

oportunidade de escrever em vários outros lugares (Arruda, 1993, no prelo a e b; Arruda e Almeida, 1998, Arruda e Viegas, 1999, 2000; Viegas, 2001), as particularidades de que se reveste a sequência estratigráfica da Alcáçova de Santarém não impediu que, muitas vezes e em áreas extensas, tenha sido possível escavar níveis arqueológicos conservados, onde as associações de materiais eram claras. Essas associações permitiram datar, com alguma precisão, os estratos, tendo sido possível atribuir cronologias para a sua formação, utilização e abandono, o que possibilitou uma definição fundamentada das sucessivas fases de ocupação do planalto da Alcáçova de Santarém.

À sequência ocupacional definida foram atribuídos parâmetros cronológicos concretos e precisos.

Assim, pode afirmar-se que a grande maioria das importações de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” ocorreu durante o alto império. De facto, e apesar dos vestígios materiais atribuíveis a época republicana estarem muito bem documentados no sítio, apenas escassos fragmento de “engobe vermelho pompeiano” foram recolhidos em níveis anteriores ao reinado de Augusto. São, realmente, muito numerosos os espólios que podemos situar no século I a.C., estando, em muitos casos, associados a construções de vária natureza e dimensão (Arruda e Almeida, 1998, 1999; Arruda e Viegas, 1999). O facto de muito do material arqueológico recuperado nesses níveis corresponder a importações itálicas, nomeadamente da Campânia (cerâmica campaniense da classe A e B-oides, ânforas das Classes 2, 3 e 4, entre outros), deve ainda ser acentuado neste contexto, uma vez que a escassa presença de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” de época republicana não traduz ausência de contacto com as áreas que na Península Itálica a produziram.

Se é verdade que alguns fragmentos pertencem a níveis de deposição secundária, a maioria foi recuperada em camadas romanas de época alto imperial.

As sequências estratigráficas obtidas em vários sectores da Alcáçova de Santarém permitem afirmar, com segurança, que a importação de cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” ocorre, sobretudo, a partir do alto império, uma vez que a grande maioria dos fragmentos recuperados surgiu em camadas arqueológicas que puderam datar-se entre início do reinado de Augusto e os meados do século I d.C. Os dados recolhidos durante a escavação realizada em 1999 na área dos viveiros do Jardim, conjugados com o estudo da *terra sigillata* (Viegas, 2001), permitem, no entanto, precisar um pouco melhor as cronologias destas importações. Assim, tudo indica que as “cerâmicas de engobe vermelho pompeiano” chegaram a Santarém num período que engloba os reinados de Augusto e Tibério, época em que as importações de *terra sigillata* itálica são também mais significativas (Viegas, 2001). Os fragmentos recolhidos em níveis tardo republicanos apenas indicam que num momento imediatamente anterior ao reinado de Augusto foram iniciadas as aquisições desta espécie de grandes pratos.

Seguro é também o facto de a importação destas cerâmicas não se prolongar para além dos meados do século I d.C., uma vez que os níveis que, em 1999 e 2000, puderam associar-se ao que foi definido como fase 3 do período romano — meados do século I a meados do II d.C. (Viegas 2001, p. 323) não ofereceram qualquer fragmento de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano”.

3. As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” na Península Ibérica

Como já atrás referimos, a cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” de produção itálica apresenta uma lata distribuição por todo o mundo romano, surgindo na Britânia, Hispânia, Germânia, Gálias e, naturalmente, na Península Itálica. Tal como no restante Império, a produção

na Península Ibérica de pratos com morfologia e funcionalidade idênticas aos originais itálicos está também bem atestada, não só em Espanha, mas também em Portugal.

Relativamente ao território actualmente espanhol, e para além dos locais atestados por Aguarod na Catalunha, a cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” está também documentada no Baixo Guadalquivir a partir da segunda metade do século II a.C., num total de cinco formas, concretamente, a 3 (Luni 1/Vegas 15a), 4 (Luni 2/4/Oberaden 22), 6 (Luni 5/Oberaden 21) e 8 (Torre Llauder 67) (Sánchez, 1995, p. 261-262).

A forma mais difundida nesta região da Bética é a 6 de Aguarod (Luni 5), apontando os dados cronológicos disponíveis para uma importação do século I d.C., importação essa que pode ter-se iniciado ainda durante a época de Augusto. É ainda esta a forma mais imitada localmente, num fabrico designado “tipo Peñaflor”, cuja produção está difundida no Sul da actual Andaluzia até ao século II d.C. (Sánchez, 1995, p. 262). Na região do Baixo Guadalquivir, verifica-se que as importações de cerâmica comum itálica diminuem de intensidade a partir do século I, cedendo então lugar às produções norte africanas (Sánchez, 1995, p. 274).

No estudo preliminar efectuado sobre a cerâmica comum de *Emerita Augusta*, regista-se a existência de um prato que lembra a forma 6 (Luni 5), embora não apresente qualquer tipo de revestimento interno (Sánchez, 1992, p. 34-35, fig. 7, n.º 31).

Recentemente, Aguarod completou o mapa de distribuição da cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” do vale do Ebro, registando tanto produções etruscas como da Campânia (Aguarod, 1995, p. 129-153). Se, por um lado, os produtos de origem etrusca penetram no Vale do Ebro desde inícios do séc. II a.C., os campanos, que se distinguem por deterem areias vulcânicas, difundem-se na Tarraconense desde a segunda metade do séc. I a.C. (Aguarod, 1995, p. 129-153).

No território actualmente português, a cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” está documentada em Braga (Delgado, 1994), Coimbra (Carvalho, 1998), Conímbriga (Alarcão et al., 1975) e S. Cucufate (Pinto, 1999³). Tal como em Santarém, a forma dominante, e em alguns casos mesmo única, neste sítios é a mais simples (Forma 6 de Aguarod; Oberaden 21; Luni 5), como é o caso do Castro das Ermidas, em Braga, sendo importante registar que também na sede do *conventus braccaraugustanus* foram igualmente recolhidos fragmentos de pratos de fabrico itálico, cuja forma não foi, contudo, possível de identificar (Delgado, 1994, p. 115-117, est. I, n.º 1).

Em Coimbra, foi também a forma 6 de Aguarod que se recolheu, sendo proveniente de níveis arqueológicos que possibilitaram datar do reinado de Cláudio o complexo forense de *Aeminium* (Carvalho, 1998, p. 79, est. XII).

Em S. Cucufate, apenas se recolheu um único fragmento de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” de produção itálica, que se integra na forma 24 e 25 de Ventimiglia, que pode corresponder à 6 de Aguarod (Pinto, 1999, fig. 11), forma cuja produção se prolonga até 75 d.C.

Para além do conjunto de Santarém que agora se dá a conhecer, o sítio que, em Portugal, mais cerâmica deste tipo ofereceu foi a cidade de Conímbriga. Aqui, as formas representadas são ainda a forma 4 de Aguarod (Oberaden 22) e a 6 (Oberaden 21, Luni 5) (Alarcão et al., 1975, p. 51-53, est. XII, n.ºs 1-7). Tal como em Coimbra, esta cerâmica está ausente de níveis augustanos ou pré-augustanos, o que indica uma cronologia, claramente, alto imperial para o início da sua importação.

Parece importante, no contexto do presente estudo, fazer também referência ao vasto universo que constituem as “imitações” de pratos de “engobe vermelho pompeiano”. Efectivamente, desde muito cedo que diversas produções locais peninsulares incluem, no seu repertório, formas de pratos inspiradas em modelos itálicos de “engobe vermelho pompeiano”. Estes encontram-se tanto em centros de consumo como fazendo parte do mobiliário fúnebre de necrópoles.

Deve, contudo, referir-se que estes produtos, fabricados localmente, podem ou não ter a superfície interna coberta por engobe vermelho. Assim, enquanto no primeiro dos casos parece, de facto, tratar-se de uma imitação, a segunda possibilidade reflecte apenas a integração no repertório local de uma forma banal. De qualquer modo, ambas as situações parecem traduzir um evidente sinal da assimilação de hábitos alimentares exógenos, seguramente introduzidos com o processo da romanização.

A produção e difusão dos diversos fabricos estão atestadas em quase todo o território actualmente português. Têm em comum o facto de reproduzirem a forma 6 de Aguarod (Oberaden 21, Luni 5), aproximando-se mais ou menos do modelo original, podendo apresentar paredes mais ou menos arqueadas ou mesmo reentrantes, com bordos cujo espessamento pode também variar. Produzidos com pastas locais, apresentam, como é óbvio, características bastante diversificadas. Como já se referiu, a presença de engobe interno não é obrigatória, mas as superfícies internas são, quase sempre, bem alisadas. A ausência de informação quanto ao enegrecimento das superfícies externas não permite uma efectiva clarificação sobre a funcionalidade específica destes grandes pratos de produção local. Tal como sucede nos exemplares itálicos, não é, no entanto, de excluir a possibilidade de uma utilização mista, com fins culinários e de serviço de mesa, como aliás, se comprovou em Conímbriga (Alarcão et al., 1975, p. 52-54).

Em Braga, foram recolhidas peças que tanto formal, como tecnologicamente, se aproximam dos modelos itálicos (Delgado, 1994, p. 115-117, est. I n.ºs 2-4). Trata-se da forma 6 (Oberaden 21, Luni 5), cuja presença foi também registada em Monte Mózinho, onde existe um prato das mesmas características (Almeida, 1974, p. 50, est. IX, n.º 2).

Não pode deixar de referir-se que em Tongobriga foram recolhidas cerâmicas com formas semelhantes à 6 de Aguarod, cujas características mostram fabricos muito distintos entre si, concretamente: tipo 1 do Grupo 1A; tipo 1 do Grupo 3A, tipos 1 e 2 do Grupo 6, tipo 2 do Grupo 10B, tipo 4 do Grupo 11A, tipo 3 do Grupo 12 (Dias, 1997, p. 268, 270, 271 e 278). Na maioria dos casos, estes pratos não apresentam qualquer engobe como revestimento interno e quando o têm a sua cor é beije. Em apenas um dos casos a peça recebeu uma aguada vermelha.

Relativamente às escavações recentes de Coimbra, refere-se a existência de fragmentos que podem considerar-se como "imitações" de "engobe vermelho pompeiano", mas a sua reduzida dimensão impede a sua integração em qualquer forma específica (Carvalho, 1998, p. 79).

Os dados de Conímbriga apontam para a existência de uma série de pratos afins da forma 6 que tecnologicamente imitam a produção de "engobe vermelho pompeiano". Distinguem-se vários fabricos locais, indicando-se como prováveis áreas de proveniência as regiões de Braga-Guimarães e do Mondego. Nem todos os exemplares teriam uma utilização culinária, como fica demonstrado pela inexistência de sinais de utilização ao fogo (Alarcão et al., 1975, p. 52-54, est. XII, n.º 11-31). A maioria destes pratos provem de níveis de época flaviana e trajânica, embora se admita a existência de imitações desde a época de Augusto (Alarcão et al., 1975, p. 53).

Entre o espólio da necrópole de Santo André, encontram-se pratos também engobados na superfície interna, de parede arqueada e bordo arredondado e ligeiramente revirado para o interior, que podem considerar-se imitações de cerâmica de "engobe vermelho pompeiano" (Nolen e Dias, 1985, p. 95, est. XXXII, n.º E 2.14 e est. VII, n.º C 5.9). Ainda em necrópoles alto alentejanas existem pratos de parede arqueada e reentrante e lábio arredondado, alguns dos quais têm engobe vermelho na superfície interna (Nolen, 1985, p. 86-88, est. XXXI, n.ºs 278 a 284).

Em S. Salvador da Aramenha, está documentado um prato, cujas características indicam tratar-se de uma imitação de cerâmica de "engobe vermelho pompeiano" (Neves, 1972, p. 15, est. III, n.ºs 1-3).

Num estudo sobre um conjunto de cerâmica datado do século III proveniente da Cidade das Rosas (Serpa), destacamos alguns pratos de cerâmica comum, de fabrico local, e cuja forma é próxima da Forma 6 (Oberaden 21). Alguns apresentam a superfície interna revestida por engobes vermelhos e acastanhados (Caeiro, 1978, p. 249-272).

As escavações da *villa* de S. Cucufate (Vidigueira) permitiram também recolher abundantes fragmentos de pratos de bordo direito, cuja parede é mais ou menos arqueada e em que o bordo é simples ou biselado (Pinto, 1999, p. 187-193). Trata-se do tipo de pratos I-A-1, correspondendo a um prato com a parede arqueada e o bordo simples, e que, em 27% dos casos, apresenta engobe de várias tonalidades (Pinto, no prelo, p. 187-193). O estudo da cerâmica comum desta *villa* romana do Alentejo revelou ainda a ocorrência deste tipo de pratos em todos os horizontes estratigráficos de ocupação, desde a segunda metade do século I até a primeira metade do século V, embora a sua frequência seja maior nos horizontes 3 e 4, datados de meados do século II a meados do IV (Pinto, no prelo, p. 191-192).

O centro produtor de *sigillata* hispânica localizado em Andújar, na Andaluzia, produziu cerâmica de “engobe vermelho pompeiano”, normalmente designada por “cerâmica de verniz vermelho da época julio-cláudia”. O seu repertório formal inclui tanto formas de “vermelho pompeiano” como formas de *terra sigillata*. Apenas estas últimas estão documentadas no território actualmente português, concretamente em Torre d’Ares (Nolen, 1994, p. 87-88).

Do ponto de vista cronológico, o vasto universo das imitações locais de pratos de “engobe vermelho pompeiano” encontrados em Portugal abarca um largo período compreendido entre o século I e o século IV/V.

4. Discussão

Pouco mais há a discutir sobre as “cerâmicas de engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém.

A cronologia que claramente ficou demonstrada não se afasta do que é conhecido no restante império para as importações desta espécie cerâmica, sendo, de facto, o século I da nossa era o momento em que a sua circulação atinge o auge, também no actual território português. Por outro lado, a importância que Santarém detém durante a época republicana justifica o facto de este ser, por ora, o primeiro dos sítios portugueses onde uma importação de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” dessa época esteja atestada. Não devemos, no entanto, deixar de referir que estes fragmentos constituem ainda um reduzido valor numérico, se atendermos às quantidades de importações itálicas de época republicana que se verificaram sobre o sítio, evidenciando relações comerciais privilegiadas com a Campânia e o Lácio e mesmo com a Itália meridional e oriental de que são exemplo as importações de ânforas vinárias (greco-itálicas, Dressel 1, Lamboglia 2, Dressel 6) e oleárias (produções de Brindisi, Classe 1 de Peacock e Williams), e de campaniense das Classe A, B e B-oides, de paredes finas e de lucernas. É também importante recordar que as cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” estão muitas vezes presentes em acampamentos militares, fazendo parte dos equipamentos domésticos das tropas, podendo insistir-se na sua escassa representatividade, durante a época republicana, em *Scallabis Praesidium Iulium*. No entanto, é também certo que apenas nas áreas mais precocemente romanizadas, como o vale do Ebro e do Guadalquivir, é significativo o número de exemplares de pratos importados da Itália com “engobe vermelho pompeiano” como revestimento da superfície interna.

Ficou também claro que as formas presentes no sítio ribatejano são também as mais frequentes, apesar de não podermos deixar de notar, quanto a este aspecto concreto, a presença da forma 3 de Aguarod, para além das 4 e 6 que eram até agora as únicas presentes no universo das importações portuguesas.

A ausência de produções locais de pratos com a parede interna revestida por engobe vermelho não pode deixar de ser assinalada, uma vez que, nos restantes sítios estudados, a percentagem destes em relação aos importados é sempre significativamente maior, quando não é única. Esta situação pode traduzir a elevada capacidade económica dos habitantes de *Scallabis* e mesmo o seu estatuto jurídico, mas a situação geográfica privilegiada não pode também ser ignorada.

Temos naturalmente consciência que muitas das observações atrás produzidas podem ser igualmente válidas para outros sítios do actual território português, dos quais, contudo, se desconhece quase tudo a propósito das importações de cerâmica comum durante a época romana. O estudo das cerâmicas comuns de *Olisipo* e *Salacia*, por exemplo, poderá ajudar a matizar o aparente carácter único das importações de cerâmicas de "engobe vermelho pompeiano" de *Scallabis* quanto a aspectos relacionados com a sua cronologia, origem e quantidades importadas. No entanto, não deve ignorar-se, neste contexto, que outros sítios, onde a ocupação tardo republicana está atestada e dos quais se conhece o espólio recolhido, não ofereceram qualquer importação itálica de pratos destinados a serem utilizadas na cozinha, independentemente das relações comerciais com a costa do mar tirrénico estarem documentadas por numerosos produtos alimentares e manufacturados, como é o caso, por exemplo, de Conímbriga e Coimbra.

Quadro descritivo da cerâmica de "engobe vermelho pompeiano" da Alcáçova de Santarém													
PROVENIÊNCIA					FORMA			DIMENSÕES MM			FABRICO		Observações
N.º Inv.	Ano	sect	Qua	UE	Aguarod	N.º Frag. Fr	D.B.	Alt.	E.P.	Pasta	engobe		
6578	87	C.4	I.14	4	Forma 3	1	bordo/parede	260	21,2	7	típica	típico	-
28091	2001	2	-	188	Forma 3	1	bordo	d.d.	35	19	típica	típico	-
28098	2001	2	-	188	Forma 3	1	Bordo	210	20	6	típica	típico	-
28101	2001	2	-	159	Forma 3	1	bordo	d.d.	20	7	típica	típico	Sup. ext. enegrecida
8066	94/95	-	Q.14/17	3	Forma 4	2	bordo/parede/fundo	230	33	7	típica	-	Engobe pouco aderente
9692	95	Mur	T.1	2 int.	Forma 4	1	bordo	-	-	8,7	típica	típico	-
13066	94/95	-	Q.14/17	3	Forma 4	2	bordo/parede/fundo	-	-	-	-	-	-
13243	97	-	Q.7	1	Forma 4	1	bordo/parede	380?	-	6,3	típica	-	Engobe pouco aderente
24890	99	1	A	439	Forma 4	1	bordo/parede	480	42,5	7,6	típica	típico	sinais do instrumento que produziu o alisamento. Parte ext. do bordo c/ engobe bege.
24905	99	1	A	560	Forma 4	1	bordo	d.d.	-	7,5	típica	típica	-
12052	97	-	Q.3	0	Forma 6	1	bordo/parede	-	28,6	8	típica	típico	Engobe pouco aderente.
12121	97	-	Q.3	4	Forma 6	1	bordo	-	21	4,5	típica	típico	-
12917	97	-	Q.5	5	Forma 6	4	bordo/parede/fundo.	290	36	6,5	-	-	linhas concêntricas no fundo interno Sup. externa e interna enegrecidas (pós-deposicional?). Engobe brilhante.

PROVENIÊNCIA					FORMA			DIMENSÕES MM			FABRICO		Observações
N.º Inv.	Ano	sect	Qua	UE	Aguarod	N.º Fr	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Pasta	engobe	
13313	97	-	Q 7	4	Forma 6	1	bordo/ parede/ fundo	380	51	8	típica	-	Engobe pouco aderente.
13806	97	-	Q 9	8	forma 6	1	bordo	-	-	6,6	típica	típica	-
24881	99	1	B	120	forma 6	4	bordo/ parede/ fundo	310	41	6,8	típica	-	engobe pouco aderente. Só presente na parte superior do bordo
24882	99	1	A	440	forma 6	1	bordo	d.d.	15,5	6,6	típica	-	engobe pouco aderente. Só presente na parte superior do bordo
24883	2000	1	A	131	forma 6	2	bordo/ parede/ fundo	390	45	6,8	típica	-	engobe pouco aderente. Só presente na parte sup. do bordo
24906	99	1	A	131	Forma 6	3	bordo/ parede/ fundo	390	33	6	típica	-	engobe pouco aderente. Só presente no fundo interno.
24916	2000	1	A	557	Forma 6	1	bordo	-	-	8,6	típica	-	Engobe a estalar.
25488	99	1	C	172	Forma 6	1	fundo	360?	25	8,5	típica	típico	Sinais de desgaste do engobe na parte superior do bordo
28000	2001	2	-	sup	forma 6	1	bordo/ parede	-	41,5	7,7	típica	-	Pasta e sup. acastanhada.
292	85	C 1	F 15	3	Indet.	1	fundo	-	-	9,4	típica	típico	-
9291	94/95	-	Q 12	6	Indet.	4	fundo/ parede	-	14,6	6	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno
9832	95	Mur	T 1	3a	Indet.	1	fundo	-	-	9	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno
9851	94/95	-	Q 4	4	Indet.	1	indet.	-	-	5,6	típica	típico	-
9852	95	Mur	T 1	3	Indet.	1	fundo	-	-	7,3	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno
10441	97	-	Q 18	7	Indet.	1	fundo/ parede	-	-	7,3	típica	-	Engobe pouco aderente. Sup. ext. enegrecida
12084	97	-	Q 2	1	Indet.	1	fundo	-	-	6	típica	-	Engobe pouco aderente.
12914	97	-	Q 5	5	Indet.	1	fundo	-	-	6	típica	-	Engobe pouco aderente. Sup. ext. enegrecida.
13394	97	-	Q 7	4	Indet.	1	indet.	-	-	7,6	típica	típica	-
24884	2000	1	-	696	Indet.	1	indet.	-	-	5,5	típica	típica	-
24885	99	1	C	181	Indet.	1	parede	-	-	7	típica	típica	-
24886	99	1	B	sup	Indet.	1	indet.	-	-	6	típica	típico	-
24887	99	1	B	200	Indet.	1	fundo	-	-	7,6	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno
24888	99	1	B	200	Indet.	1	fundo	-	-	4	típica	típica	linhas concêntricas no fundo interno.
24889	99	1	C	289	Indet.	1	parede	-	-	5	típica	típica	-
24891	99	1	B	*	Indet.	2	fundo	-	-	7,3	típica	típica	* limpeza de perfil linhas concêntricas no fundo interno.
24892	2000	1	A	387	Indet.	1	fundo	-	-	4,3	típica	típico	Sup. exterior enegrecida
24893	99	1	B	246	Indet.	1	parede	-	-	8,5	típica	típico	-
24894	99	1	B	238	Indet.	1	fundo	-	-	5,5	típica	típico	Linhas concêntricas no fundo interno. Sup. exterior enegrecida
24895	99	1	B	132	Indet.	1	fundo	-	-	6,6	típica	-	Sem engobe e com a sup. exterior enegrecida
24907	2000	1	A	646	Indet.	1	fundo	-	-	4,5	típica	-	Quase sem engobe.
24908	99	1	C	241	Indet.	1	parede	-	-	7,4	típica	típica	-
24909	94/95	-	Q 25	2	Indet.	1	fundo	-	-	4	típica	típica	linhas concêntricas no fundo interno.

PROVENIÊNCIA					FORMA			DIMENSÕES MM			FABRICO		Observações
N.º Inv.	Ano	sect	Qua	UE	Aguarod	N.º Fr	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Pasta	engobe	
24910	99	1	A	fossa A/B	Indet.	1	fundo	-	-	8,9	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno. Sulco entre o fundo e o arranque da parede.
24911	2000	1	A	151	Indet.	1	fundo/paredo	-	-	6,7	típica	típico	-
24912	99	1	B	252	Indet.	1	fundo/paredo	-	-	6,9	típica	típico	-
24913	94/95	-	Q 11 bq S	6	Indet.	1	fundo	-	-	8,5		típico	pasta sem areias negras.
24914	99	1	B	71	Indet.	1	fundo	-	-	3,5	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno.
24915	99	1	C	181	Indet.	1	fundo	-	-	7,2	típica	-	Engobe pouco aderente. Sup. ext. enegrecida.
24917	2000	1	A	643	Indet.	1	indet.	-	-	6	típica	típico	Frag. diminuto.
24918	2000	1	B	216	Indet.	1	indet.	-	-	8	típica	típico	-
25482	99	1	B	279	Indet.	1	fundo	-	-	6,5	típica	típico	Sup. ext. enegrecida. Frag. Diminuto
25483	99	1	C	137	Indet.	1	fundo	-	-	5,5	típica	-	Linhas concêntricas no fundo. Engobe a estalar.
25484	99	1	C	289	Indet.	1	Fundo	-	-	4,7	típica	-	Engobe a estalar.
25485	99	1	C	289	Indet.	1	fundo	-	-	7,2	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno.
25486	99	1	C	172	Indet.	2	fundo	-	-	5,2	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno. Sup. ext. enegrecida
25487	99	1	C	172	Indet.	1	fundo	-	-	5	típica	-	Linhas concêntricas no fundo. Engobe a estalar.
25489	99	1	A	439	Indet.	1	parede	-	-	7,5	típica	típico	-
25490	99	1	C	293	Indet.	1	fundo	-	-	5,5	típica	-	Linhas concêntricas no fundo. Engobe a estalar.
28001	2001	2	-	113	Indet.	1	indet.	-	-	7,3	típica	típico	-
28002	2001	2	-	112	Indet.	1	parede	-	-	6,9	típica	típico	-
28090	94/95	-	Q 12 E	6	Indet.	1	Indet.	-	-	9	típica	típico	-
28092	2001	2	-	13	Indet.	2	Fundo	-	-	6	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno. Sup. ext. enegrecida
28093	2001	2	-	90	Indet.	1	Indet.	-	-	7	típica	típico	Sup. ext. enegrecida. Frag. Diminuto
28094	2001	2	-	113	Indet.	1	parede	-	26	5	típica	-	Engobe a estalar.
28095	2001	2	-	*	Indet.	1	Indet.	-	-	8	típica	típico	proveniente da limpeza do perfil norte
28096	2001	2	-	*	Indet.	1	Fundo	-	-	9	típica	-	proveniente da limpeza do perfil norte. Engobe a estalar e ligeiramente enegrecido na sup. interna (pós- deposicional ?)
28097	2001	2	-	27	Indet.	1	Paredo/fundo	-	-	6	típica	típico	-
28099	2001	2	-	107	Indet.	1	Fundo	-	-	6	típica	típico	linhas concêntricas no fundo interno.
28100	2001	2	-	109	Indet.	1	Paredo/fundo	-	-	7	típica	típico	Sup. ext. enegrecida

NOTAS

- ¹ Investigadora da UNIARQ.
Unidade de Arqueologia. Faculdade de Letras.
1600 -214 Lisboa.
- ² Investigadora da UNIARQ.
Unidade de Arqueologia. Faculdade de Letras.
1600-214 Lisboa.
- ³ À professora Doutora Inês Vaz Pinto agradecemos ter permitido a consulta do seu trabalho, ainda inédito.

BIBLIOGRAFIA

- AGUAROD, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- AGUAROD, C. (1995) - La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el Valle del Ebro. In *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Empuritanes; 8), p. 129-153.
- ALARCÃO, A. M. (1976) - Cêramiques à engobe rouge non grésé. In *A propos des cêramiques de Conimbriga*. Publications du Centre Pierre Paris (E.R.A. 2). 2. Paris: Diff. E. de Bocard, p. 9-24.
- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1975) - In Alarcão, J.; Étienne, R., eds. - *Fouilles de Conimbriga. VI. Cêramiques diverses et verres*. Paris: Diff. E. de Bocard.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974) - *Escavações no Monte Mozinho* (1974), Penafiel.
- ALMEIDA, R. R.; ARRUDA, A. M. (no prelo) - As ânforas de tipo Mañá C em Portugal. In *Actas del V Congreso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo/Marsala, Outubro 2000.
- ANTUNES, A. S. (2000) - Vidros romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p.153-199.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. Estudos Orientais (*Actas do Encontro “Os fenícios no território português”*). Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 4, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (no prelo a) - A Alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo. In *Actas do Colóquio “Os fenícios no extremo Ocidente”*, Almada, 1999.
- ARRUDA, A. M. (no prelo b) - Fenícios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal: en torno a las historias posibles. *Cuadernos de Estudios Mediterráneos*. Barcelona.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém. *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1999) - Importações de vinho itálico para o território português: contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine: actes da III^{ème} Table ronde sur la Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 307-337.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (no prelo) - Importação e consumo de vinho bético na Colónia romana de Scallabis (Santarém, Portugal). In *Actas del Congreso Internacional “Ex Baetica Amphorae Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio romano*, Sevilla, 1998.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (1999) - The Roman temple of Scallabis (Santarém, Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 185-224.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2000) - A Roman temple in Scallabis (Santarém, Portugal): architecture and historical context. In *Proceedings of the XVth International Congress of Classical Archaeology*. Allard Pierson Series. Amsterdam: Allard Pierson Museum, 12, p. 58-60.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (no prelo) - *Scallabis: religião e culto no dealbar do I milénio*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CAEIRO, J. O. (1978) - Observações sobre a cerâmica comum romana do séc. III proveniente da “cidade das rosas” Serpa. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 249-271.
- CARVALHO, P. C. (1998) - *O forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

- DELGADO, M. (1994) - Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 10-11, p. 113-149.
- DIAS, L. T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- GOUDINEAU, Ch. (1970) - Note sur la céramique à engobe interne rouge-pompéien (Pompejanisch-roten platten). In *Mémoires de l'École Française de Rome*. 82. p. 159-86.
- NEVES, J. C. (1972) - Uma coleção particular de materiais romanos de Aramenha. *Conimbriga*. Coimbra: 11, p. 5- 29.
- NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum das Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torres d'Ares – Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- NOLEN, J.; DIAS, L. F. (1981) - *A necrópole de Santo André*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia. p. 5-180.
- PEACOCK, D. P. S. (1977) - Pompeian red ware. In *Pottery and early commerce characterization and trade in Roman and later ceramics*, p. 147-162.
- PINTO, I. V. (1999) - *A cerâmica comum de S. Cucufate*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade Lusíada (policopiada).
- SÁNCHEZ, M. A. (1992) - *Cerâmica comum romana de Mérida: estudio preliminar*. Cáceres: Universidade de Extremadura; Departamento de Prehistoria y Arqueologia. (Series de Arqueología Extremeña; 3).
- SÁNCHEZ, M. A. (1995) - Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In *Cerâmica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya. (Monografies Empuritanes; 8), p. 251-279.
- VIEGAS, C.; ARRUDA A. M. (1999) - Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 105-186.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerâmica comum romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Universidad.
- VIEGAS, C. (2001) - *Cerâmica, economia e comércio. A terra sigillata da Alcáçova de Santarém*. Trabalho de síntese apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica à Faculdade de Letras de Lisboa. (Edição fotocopiada).
- VIEGAS, C.; ARRUDA A. M. (no prelo) - Cerâmicas islâmicas de armazenamento e transporte da Alcáçova de Santarém. In *Actas do Colóquio Santarém na Idade Média*.